

**QUE**

**HORAS**

**ELA SAI?**

**CAROLINA  
ONO**







Ficha Técnica – Que Horas Ela Sai?  
Universidade de Brasília  
Faculdade de Comunicação – FAC/UnB  
Brasília – DF

Autor: Maria Carolina Ono Vieira  
Orientação: Elen Geraldés  
Revisão: Gabriela Alves Brandão de Mendonça  
Capa: Maria Carolina Ono Vieira  
Diagramação: Géssica Girão  
Ilustração: Maria Carolina Ono Vieira

Que horas ela sai?: um estudo de  
Recepção com empregadas domésticas  
do Distrito Federal

Maria Carolina Ono Vieira

Brasília, 2019

# *Sumário*

Prefácio	05
Leiliane	13
Hosana	23
Divina Maria	31
Izabel Moreira	39
Pósfacio	49
Laudelina	51
Referências	67



# Prefácio

*“Empregada tem que saber seu lugar”,  
frase comum de se ouvir entre a classe média brasileira  
e que marca as relações no trabalho doméstico.*





Apesar de a classe das domésticas ter lutado por anos e adquirido seus direitos trabalhistas<sup>1</sup> na prática o que acontece é bem diferente.

Em matéria divulgada pelo Jornal O Globo no ano de 2018<sup>2</sup> é feita a denúncia de que, mesmo com a PEC das Domésticas aprovada em 3 de abril de 2013, a informalidade no serviço permanece alta e o número de trabalhadoras domésticas com carteira assinada ainda é baixo.

“Em 2013, o Brasil tinha 1,855 milhão de trabalhadores domésticos formalizados. Em 2017, o número passou para 1,876 milhão, aumento de apenas 21 mil registros. Quando leva-se em conta o total de domésticos, com e sem registro, o Brasil saiu de 5,9 milhões, em 2013, para 6,3 milhões, em 2017: um aumento de 400 mil trabalhadores.” (O GLOBO 2018)

Por anos, o trabalho doméstico foi uma profissão invisibilizada. No artigo Dia de Empreguete, Véspera de Madame: Permanências e Rupturas na Construção da Personagem Doméstica em “Cheias de

---

<sup>1</sup>Em 3 de abril de 2013 foi aprovada a lei que equipara os direitos dos empregados domésticos aos dos demais trabalhadores. A chamada PEC das Domésticas.

<sup>2</sup> Nome da matéria “PEC das Domésticas completa cinco anos, mas informalidade ainda é alta”.

Charme”, de Max Milliano Melo, publicado em 2016, a categoria das domésticas foi destacada como como uma profissão que demorou anos para adquirir seus direitos. Em 1970 ganhou o primeiro acesso ao sistema previdenciário e apenas em 2013 conseguiu a plenitude de direitos com a denominada PEC das Domésticas. E como bem lembra o artigo supramencionado, em 2012 foi quando, simultaneamente, diversas telenovelas foram protagonizadas por domésticas, como Avenida Brasil e Cheias de Charme. Representar uma classe profissional como a das trabalhadoras domésticas é de extrema importância para levar suas lutas ao conhecimento de todos por meio da mídia.

Um dos trabalhos brasileiros mais marcantes nessa representação da classe das domésticas é a história retratada por Anna Muylaert em Que horas ela volta?. O filme retrata a vida da empregada doméstica Val, que trabalha na casa de Zé Carlos, “Dona” Bárbara e Fabinho. O longa mostra todo o cotidiano de Val na casa de uma família classe média de São Paulo, sua

rotina de trabalho, seu carinho com o filho da patroa, sua amizade com os outros funcionários. A rotina acontece aparentemente de forma tranquila, até o dia que a filha de Val, Jéssica, chega de Pernambuco em São Paulo para prestar vestibular para o curso de arquitetura na FAU<sup>3</sup>. A relação patrão e empregada que era apresentada como se os dois fossem parte de uma mesma família<sup>4</sup> muda a partir daí. A patroa chega ao ponto de mandar Jéssica não transitar pela casa e ficar apenas da “cozinha para fora”. O longa é finalizado com Val pedindo demissão e decidindo seguir sua vida fora do serviço doméstico.

Trabalhadoras domésticas estão em muitos casos representadas de forma estereotipada dentro do audiovisual e isso, claro, pouco contribui para o debate de seu local na sociedade, de seus direitos, de suas aspirações.

“Uma etnografia a respeito do consumo midiático de trabalhadoras domésticas de São Paulo realizada por Macedo (2013) revelou insatisfação a respeito

---

<sup>3</sup> Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

<sup>4</sup> Patroa de Val, Dona Bárbara, nos primeiros 20 minutos de filme diz que Jéssica pode ficar na casa deles enquanto permanece em São Paulo e completa “Mulher, claro que pode. Imagina, meu amor, poxa, você é praticamente da família” (QUE HORAS ELA VOLTA, 2015)

da representação das trabalhadoras domésticas no audiovisual. A crítica das representadas recaiu sobre a forma “brincalhona e irresponsável” que a doméstica geralmente aparece na mídia [...]” (MELO, Max Milliano. 2016. P.10)

Muyleart, como diretora de *Que Horas ela Volta?*, dedica-se a trazer no longa uma representação da forma mais próxima ao real e condizente com a sociedade em que vivemos, não somente das domésticas e de seus patrões, mas da tensa e complexa relação profissional e afetiva que se estabelece entre eles. Mas a questão que fica é: será que uma empregada doméstica real experimenta alguma identificação com a personagem e vê ali traços do seu cotidiano?

“Filmes que representam culturas marginalizadas de um modo realista, mesmo que não se refiram a qualquer incidente histórico específico, ainda assim possuem bases factuais implícitas” (SHOHAT, Ella; STAM, Robert. 2006, P.263)

A forma como um roteiro acontece está conectada

a uma maneira de pensar da sociedade e pode perpetuar estereótipos, mesmo que inconscientemente. Quando tratamos de um assunto que está social e culturalmente inserido na sociedade brasileira como o serviço doméstico, é inevitável procurarmos ali traços do real para criar ligações.

Iniciei o projeto *Que horas ela sai?* com objetivos definidos: queria contar a história dessas mulheres que dedicam suas vidas a cuidar da casa de outras pessoas, que encontraram no trabalho doméstico uma forma de sustento para si e sua família e discutir lugar de fala, quem tem voz e quem não tem. Djamila Ribeiro, em seu livro “O que é lugar de fala”, constrói questões acerca de um rompimento dessa voz branca, masculina, de classe média. Trabalhar com mulheres empregadas domésticas é entender que grande parte desse serviço é ocupado por mulheres negras que em sua maioria têm suas vozes silenciadas

Se organizasse um encontro de todos os seus trabalhadores domésticos, o Brasil reuniria uma

população maior que a da Dinamarca, composta majoritariamente por mulheres negras, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT (BBC, 2018)

*Que horas ela sai?* tem como objetivo central apresentar múltiplas vozes e entender o que essas trabalhadoras sentem ao se enxergarem representadas no audiovisual. Leiliane, Hosanna, Divina Maria e Izabel abriram as portas de suas casas e de suas histórias que estão aqui contadas em quatro capítulos. Finalizo contando a biografia da pioneira na luta pelos direitos das empregadas domésticas, Laudelina de Campos Melo.

*Que horas ela sai?* conta agora o lado das empregadas. Suas histórias contadas anteriormente pelo olhar somente do outro têm agora o seu protagonismo destacado.

# *Leiliane*

“Pra mim eu gosto do que eu faço, às vezes o que é mais difícil é lidar com as pessoas do trabalho”





O ano era 1974: nascia no Gama a entrevistada Leiliane Santos, a mais velha de quatro irmãos. Filha da dona de casa Maria de Fátima e do comerciante Giovando, Leiliane adorava brincar pelas ruas. Era pipa, queimada, brincadeiras na terra; sua infância foi repleta de momentos de diversão com seus irmãos.

Gama foi seu primeiro lar, mas viveu lá apenas até os dois anos. Morava com seus pais e irmãos em um barraco na casa de sua tia, irmã de sua mãe. Porém, logo seu pai comprou um terreno na Ceilândia e construiu um barraco, onde Leiliane morou até seu casamento.

Viveu uma infância tranquila, sem pesares ou dificuldades, mas, como ela mesma diz, “uma infância sem amor”. Não mantinha uma relação boa com os pais, principalmente com a mãe que não era tão carinhosa. Hoje Leiliane afirma ser afastada da família, que tinha “muito problema [risada]”. Conseguiu finalizar seu ensino médio e quando criança sonhava em fazer um curso superior na área do direito, mas os planos

mudaram ao longo do caminho.

Seu primeiro trabalho foi cuidando de crianças. Sua mãe precisava trabalhar e deixava Leiliane, na época com 13 anos, cuidando dos irmãos. Seguiu assim até 17 anos, quando passou a cuidar dos filhos de sua tia. Passou grande parte de sua vida cuidando de crianças e segue dessa forma até hoje.

Sua primeira casa trabalhando foi a dessa tia, onde cuidava das crianças e ajudava com a limpeza da casa. Era um trabalho tranquilo e que deu início à sua vida no serviço doméstico.

Aos 19 anos teve seu primeiro filho, com quem atualmente não mantém muito contato. Com 22 anos, Leiliane se casou e teve uma filha, Bianca. Com 30 anos se divorciou. Nesse meio tempo, com 25 anos, teve sua terceira e última filha, Lívia. Leiliane já é avó, filha de seu primeiro filho. Já foi mais próxima deles, mas hoje, após certos problemas, não se falam muito e o contato é mínimo.

Seus 44 anos de vida foram em Brasília e cidades

do entorno. Após seu casamento, mudou-se para o Goiás. Lá trabalhou em uma casa cuidando de criança, mas também fazia de tudo, limpava a casa, preparava o almoço. Aos 27 anos voltou para a Ceilândia e pouco tempo depois de seu divórcio começou a trabalhar na casa em que está até hoje.

Leiliane trabalha no Guará como empregada doméstica há 10 anos. Iniciou seu trabalho lá em 2009 apenas para cuidar das crianças da família. Entretanto, com o passar dos anos e com um acidente ocorrido com seu patrão enquanto ele fazia ciclismo, a rotina mudou. Agora com seu patrão acamado, o cuidado é maior, o trabalho mais cansativo, mas, apesar dos momentos difíceis, ainda é tranquilo e do seu gosto. ‘Um dia tranquilo é um dia em que eu chego e começo a fazer as coisas, que no final mesmo que eu estiver cansada eu termino, mas que não tenha chateação no meio disso, pra mim um dia tranquilo é quando você tem paz pra fazer todo o seu serviço.’”

Sua carteira é assinada e diferentemente da

situação de várias empregadas domésticas, Leiliane geralmente não dorme no emprego. Porém, caso a patroa precise, ela dorme e fica um dia ou dois na casa ajudando. Sua vida com suas filhas na Ceilândia é a sua paz e seu conforto. “Eu chego, deito na minha cama e descanso, me alimento. É a hora que eu relaxo minha mente e descanso.” Adora caminhar com as amigas e reserva sempre esse tempo para o final de semana. É o momento de se distrair. Leiliane ama assistir filmes e se tem oportunidade de ver algum, com certeza fará isso. O seu gênero preferido é romance. Tinha muito costume de ir ao cinema com as filhas, mas com a rotina corrida do trabalho doméstico não tem arranjado muito tempo.

Leiliane adorava assistir novelas, mas hoje em dia não tem mais o costume e não gosta muito das novelas atuais. Uma personagem que representou a classe das domésticas e marcou Leiliane foi a de Juliana Paes na novela Laços de Família pela situação da amizade entre empregada e patroa, que acabou

sendo um fator de identificação com a personagem. Apesar disso, ela não gostou muito de terem feito a personagem da novela ter um caso com o patrão. “Então, já colocam sempre a mesma coisa né, que a pessoa tá ali inferior, que tem a madame, quer dizer já colocam aquela pessoa que tá ali pro trabalho pra ser amante do patrão, então eu vejo muito errado.”

Apresentei o filme *Que horas ela volta?* para Leiliane no início de nossa conversa e assistimos juntas. Desde o início do longa foram risadas e comentários “igualzinho eu lá [risada]” se referindo ao cotidiano da Val<sup>5</sup> na casa dos patrões.

“É atitude dela, é aquilo lá mesmo”, diz Leiliane, que viu em Val\* um representação “real” da empregada doméstica. Foram várias situações em que conseguiu identificar semelhanças com o seu cotidiano na casa dos próprios patrões. Desde o cachorro da casa, Meg, que passava o dia atrás da Val, até a volta de ônibus para casa foram várias analogias com seu dia-a-dia. Leiliane tem o costume de cuidar da cachorra

---

<sup>5</sup>Personagem principal do filme *Que horas ela volta?* de Ana Muylaert.

dos patrões quando viajam e quando viu a relação cômica entre Val e Meg não demorou a comentar que parecia muito com sua situação. “Ah mas é um amor [risada], fica atrás de mim esperando comida, esperando carinho, esperando tudo, esperando que eu cuide dela.” Mas nem todos os momentos do filme agradaram. “Ela deixou de cuidar da filha dela, acho que nem ela tinha vida própria pra ficar naquele emprego dela.”

A simetria com a personagem Val ocorreu de forma mais acentuada quando mostrou o relacionamento entre Val e Fabinho. “Pra mim o carinho que o filho tem com a empregada [...] isso retrata também a vida real”. Leiliane trabalhando há 10 anos na mesma casa já criou um carinho enorme pelas crianças. O caçula da família a chama de tia, chegou lá quando ele tinha apenas 1 ano. O mais velho já é mais rebelde, mas ainda a respeita. “Os dois pequenos eles são mais amorosos, até se eu ficar lá calada eles falam “tá tudo bem tia?” assim a gente tem

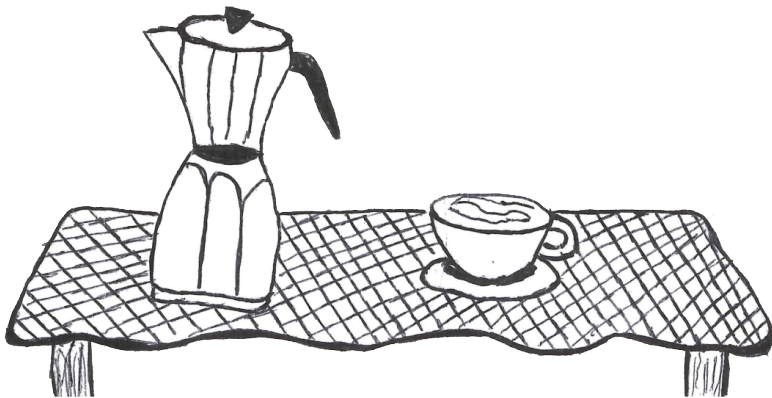
um carinho e um respeito muito bom.”

“Já me chamaram atenção, [...] não falando calmamente assim, tipo um estresse, tipo querendo brigar, depois veio que veio o arrependimento no outro dia, [...] tudo que você faz, faz certo, aí aa pessoas às vezes não falam nada, mas se você fizer uma coisinha errada a pessoa fala”. Para Leilane, isso também acontecer com a Val no filme, quando todo o seu esforço de anos parece não ser reconhecido e um pequeno deslize é tratado de forma ríspida e sem pesar algum. Leiliane diz que seu relacionamento com a patroa nem sempre foi tranquilo. Ela não gostava muito quando Leiliane precisava sair mais cedo, dizia que o trabalho não tinha sido feito por completo, mesmo sabendo que o motivo era o pai de Leiliane estar doente e precisando de cuidados. Acabou entendendo a situação e se acertaram. “Às vezes o outro só sente quando é com ele, não sente quando é com a gente. Por que não é porque a gente é empregada, tem patrão, é uma relação de trabalho também, mas tem que ter



todo...como se fala...um entendimento entre um e o outro.”

Quando questionada sobre a aposentadoria, Leiliane comenta que ainda não pensou muito, mas espera que chegue logo. Mas diz não entender muito bem como vai ser, ainda mais com as novas mudanças. “Ainda mais agora que fizeram esses negócios, que não sabe nem pra quando, nem entendi ainda direito, nem estudei como vai ser isso aí ainda”.



# *Hosanna*

“[Falando sobre Que Horas ela Volta] Retrata mesmo que a  
pessoa tem que se colocar no seu lugar, porque né  
“empregada e patrão”



Na cidade de Teófilo Otoni - MG no ano de 1966 nascia Hosanna Paixão. Filha da professora Cândida e do motorista de caminhão Reinaldo, Hosanna teve uma infância complicada. Junto de seus oito irmãos, passaram necessidades, não tinham muito dinheiro e houve vezes que até a comida faltou. Foi uma infância humilde, pode-se dizer dessa forma. Viviam todos juntos na mesma casa, Hosanna era a caçula.

Estudou até terminar o ensino médio, mas não conseguiu seguir adiante. O seu sonho de ser professora acabou não acontecendo. Veio para Brasília aos 14 anos para tentar uma vida melhor. Sua irmã mais velha já morava na capital e resolveu trazer todos. Venderam a casa e saíram todos da pacata cidade, como ela mesma descreve. Moraram primeiramente no Guará, mas logo mudaram para Taguatinga.

Seu primeiro trabalho com carteira assinada foi aos 18 ou 19 anos, como atendente em um serviço autorizado da Brastemp, no Lago Sul. Aos 19 anos teve seu primeiro e único filho, Iury. Morou em Planaltina

em uma casa de sua mãe, que morava em Taguatinga, para se esconder do pai de seu filho que estava atrás dele.

Hosanna já trabalhou em agência de carros, em escritórios, mas devido a necessidades iniciou o serviço doméstico aos 33 anos. Nunca casou e, percebendo que precisava se manter sozinha de alguma forma, encontrou a solução para seu sustento em casas de família.

Hosanna hoje mora na Ceilândia e trabalha no Guará. Trabalha na mesma casa há 10 anos e adora o serviço. Na verdade sempre trabalhou com a mesma família, eram outras casas, mas todas trabalhando para as mesmas pessoas. “Eu gosto, é tudo o que eu gosto de fazer em questão de trabalho, serviços de casa, eu amo”.

Hoje Hosanna agradece pela mudança de cenário dos momentos que passou quando criança. Já tem condições melhores, consegue ter suas coisas, viajar, fazer tudo com o seu próprio dinheiro. “Porque

quando eu era mais nova, tudo que eu ganhava, tudo o que eu tinha era ganhado das pessoas né, as pessoas me davam, roupa, sapato, tudo. Hoje eu vejo que com o meu suor, com meu trabalho eu tenho tudo. Isso aqui eu conquistei.”

Como mora sozinha, Hosanna não tem o costume de ir em casa, prefere muitas das vezes ficar no emprego e dormir por lá por conta da companhia dos patrões. Passa mais tempo no serviço do que em sua casa. “[..] É como se fosse uma família, que é como se eu estivesse na minha própria casa. Que eles me tratam...não me tratam como empregada, me tratam como se eu fosse da casa mesmo [...]”

O dia-a-dia na casa dos patrões é seu divertimento e trabalha o tempo inteiro sorrindo. “O serviço doméstico é muito cansativo, mas só de estar ali trabalhando sorrindo o tempo todo pra mim é uma diversão“. Como qualquer outro trabalho, as desavenças aparecem algumas vezes, como o dia em que a patroa insistiu que tinha feito a sopa de uma

maneira diferente, uma maneira que ela não gostou. “Então, eu não gosto que me julgue, que me fale sem que eu não tenha feito, porque quando eu faço eu falo ‘eu fiz’ aí sim eu fico muito chateada. [...] a pessoa fala uma coisa que você não fez e bate no pé que você fez, isso nesse dia foi um dos dias que me chateou muito sabe”. Hosanna fala que um dia bom para trabalhar é quando ela trabalha sem perturbações, sem ninguém no “seu pé”.

Hosanna gostou muito de Que horas ela volta? e quando questionada sobre sua identificação com a personagem da empregada doméstica, Hosanna logo falou: “Muito família, em questão de estar sempre ao lado do patrão. Se dedicando, fazendo as coisas que o patrão gosta, ser honesta né, o tempo todo dando aquela dedicação do serviço. Isso aí a gente sempre faz conforme a representação dela”. Não enxergou traços negativos na personagem e diz que tudo o que ela fez ali na história é o real e o que realmente acontece em uma casa de família.

Hosanna cita o programa Sai de Baixo quando falo sobre personagens da televisão que interpretaram empregada doméstica. As personagens ali representadas ficaram marcadas para ela. Para Hosanna, o programa conseguiu captar um pouco da essência do que uma empregada doméstica passa no seu dia-a-dia em seu trabalho. “Então, é a realidade, empregada doméstica realmente é tudo aquilo, é fazer o serviço, é encheção de saco do patrão, é no dia-a-dia, no corre-corre”

Hoje com 53 anos, Hosanna diz ter planos sobre mudar de profissão. “[...] devido à idade, é muito cansativo, é muito puxado, [...] mas mais pra frente pretendo sair pra uma coisa melhor, se for da vontade de Deus com certeza eu vou procurar, mas enquanto isso eu fico por lá até aparecer algo melhor.”

E quanto à aposentadoria, estão nos planos de Hosanna descansar, viajar, curtir. “Serviço doméstico é muito cansativo, todo dia é a mesma coisa, todo dia, então chega certa idade a gente tem que procurar



também aproveitar o que a gente não aproveitou.  
Viajar mais, sair mais, se divertir, descansar o corpo.”



## *Divina Maria*

“E tem dia de trabalho bom? [risada] Isso eu queria saber,  
ai meu Deus do céu, é bem cansativo,  
não tem dia bom de trabalho”



“Eu não tive infância nem adolescência”, é o que afirma Divina Maria quando perguntada sobre esse período. Não chegou a realmente conhecer sua mãe, que morreu quando ela tinha apenas dois anos de idade. A partir daí ela e seus irmãos tiveram que aprender a viver sem a ajuda e apoio maternal. Como é a caçula de nove irmãos, vivia em uma roça apenas com seu pai e sua madrasta. Os irmãos já haviam se mudado da roça que ficava em Ribeirão pelos arredores da Fercal. Seu registro de nascimento diz que nasceu na cidade de Planaltina, Goiás. Mas Divina diz não saber ao certo sobre isso. Acredita que tenha nascido na roça onde morava, com o auxílio de uma parteira.

Seu trabalho começou cedo. Na roça, vigiava os passarinhos no arroz (ela ficava vigiando o arroz secando para os passarinhos não comerem), lavava louça no rio, lavava roupas, carregava água na cabeça. Seu primeiro trabalho em casas de família foi aos doze anos. Não chegou a ir para escola e não tinha

realmente o sonho de alguma profissão, mas quando mais nova não pensava que trabalharia com o serviço doméstico. Foi uma infância complicada, diversão não fazia parte de seu cotidiano.

Viveu na fazenda até os 18 ou 19 anos, não se lembra ao certo. Saindo de lá conheceu o pai de sua primeira filha, Beatriz, mas logo se separaram e foi para a Ceilândia. Pouco tempo depois conheceu seu atual marido, Manoel, motorista de ônibus. Nessa época já era mãe de Beatriz, Lessio e Vanilson. Casados até hoje, Divina e Manoel tiveram dois filhos juntos: Mikelio e Cristina.

Divina não consegue se lembrar do número exato de casas que trabalhou, mas diz não terem sido muitas, pois passa muito tempo trabalhando com as mesmas famílias. Tem lembrança de ter sido ao todo três casas. Quinze anos foram todos com a mesma patroa, gostava muito dela. Eles mudavam de casa, mas Divina acompanhava. Quando questiono o porquê de ter saído sua, resposta tem certa semelhança à

situação da personagem Val: que acaba saindo quando a relação com seus patrões torna-se diferente e não mais tão positiva: “Vai chegando uma hora que os patrões vão ficando meio insuportáveis. Aí você tem que ó, cair fora.”

Divina gosta de assistir filmes, mas não os brasileiros. Para ela, eles são muito depravados. Apesar disso gostou muito de Que horas ela volta? por fugir dessa estética que ela acredita ser comum aos filmes nacionais.

Divina gostou muito da personagem interpretada por Regina Casé, mas diz não ter se identificado tanto com a doméstica. “Ela devia ter dado mais um chega pra lá naquela patroa dela né, porque aquela patroa dela é bem chata.”

“[...] Chegou a filha dela, alguma coisa mudou entre ela e a patroa, quer dizer, a patroa não gostou muito da filha dela estar ali, talvez por se intrometer muito lá, dentro da casa, e geralmente a gente, empregada doméstica, a gente passa por esse tipo de

constrangimento infelizmente.” Divina Maria

Uma característica no trabalho doméstico que perpassa o cotidiano de Val e também o de Divina é o carinho pelos filhos da patroa. “O primeiro trabalho que eu trabalhei 15 anos eu criei os cinco filhos [da minha patroa]. E eu tratava muito eles daquele jeito ali, eu abraçava muito e agora tem esse novo que quando eu fui pra lá o neném ainda não tinha nascido. E eu me identifico com a Val porque eu trato eles igualzinho ela tratava o menino ali.”

Divina já trabalhou fora de casas de família, primeiro em um escritório no Setor de Indústrias servindo café e depois na antiga empresa chamada Jumbo, na parte da limpeza e cozinha. Mas o que acabou seguindo até hoje foi o trabalho doméstico.

Hoje com 62 anos, trabalha há quase quatro anos na mesma casa em Arniqueiras - DF. Com a carteira assinada, o serviço da casa é feito apenas por ela, sem auxílio de diaristas<sup>6</sup>. Viu as duas crianças da casa crescerem e tem muito carinho por elas. Normalmente

---

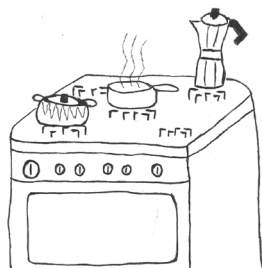
<sup>6</sup> A diarista faz os mesmos serviços da doméstica só que é autônoma

chega ao trabalho às 6h30 da manhã e costuma sair às 16h, mas não tem horário fixo. Se precisar ficar mais tempo ela fica.

Divina hoje tem oito netos, três de sua filha Cristina, dois de sua filha Beatriz, dois de Vanilson e uma de Mikely. E há pouco tempo virou bisavó de uma menina de quase um ano, Sara.

Seu momento de paz é aos finais de semana, quando pode ficar em casa descansando. Adora cozinhar, faz isso em casa com a família e também é parte parte dos seus serviços que presta no trabalho atual.

Divina é uma mulher negra e aos seus 62 anos de idade ainda não conseguiu pensar sobre sua aposentadoria.







# *Izabel Moreira*

(Não é que o patrão fala “não pode comer”, mas você sabe o que  
você pode o que não pode.)



Criada no interior do estado de São Paulo, Izabel teve uma infância feliz e repleta de brincadeiras com os irmãos pela roça, pulava no rio perto de casa, pescava, diversão não faltava. As dificuldades existiam, mas a alegria permanecia. Essa foi a vida de Izabel até os 12 anos de idade, quando seu pai veio a falecer devido a um infarto fulminante.

Izabel adorava ler, tinha o sonho de ser professora, mas com a morte precoce de seu pai o sonho ficou mais difícil, começou a trabalhar de babá para ajudar a família e cuidar de sua mãe. Foi com seus 13 anos que a pressão para trabalhar e ajudar no sustento da família começou. “Tinha que trabalhar, não tinha pai, os irmãos tudo pequenininhos. Cido era o mais velho, e já tinha vindo aqui pra Brasília, então eu fiquei sendo a mais velha da casa, a responsabilidade caiu em cima de mim. Com 16 anos o Cido veio embora pra Brasília, e eu tive que sustentar a família, trabalhando de babá.” Adorava o trabalho por conta das crianças. Infelizmente o sonho de trabalhar com crianças sendo

professora não chegou a se realizar.

Nasceu em Barbosa-SP, mas com seus 12 ou 13 anos já morava em Penápolis - SP. Foi levada lá para trabalhar de babá. Quando conseguiu levar sua mãe e irmãos para Penápolis, juntou-se a uma amiga e foi morar em Lucélia.

Em Lucélia conheceu Marcos, com quem engatou um namoro que não deu muito certo na época. Cada um seguiu sua vida. Marcos se casou e teve suas filhas. Izabel teve sua primeira e única filha, Marcela, fruto de um relacionamento que também não deu certo. Cuidou dela sozinha por anos trabalhando no serviço doméstico. Anos depois, Marcos, separado de sua mulher, voltou a encontrar Izabel e os dois começaram a viver juntos. Na época Marcos chegou a registrar Marcela como própria filha.

Morou por muito tempo em Lucélia. Acabou alugando uma casa em Oswaldo Cruz com Marcos, mas ele, que era descendente de japonês, foi para o Japão e Izabel viveu sozinha com sua filha na cidade

até que as duas decidiram se mudar para Brasília, onde praticamente toda sua família já morava. Hoje fala que adora a capital.

Em meados de 1994, Izabel, já na capital começou a trabalhar com as “faxinas”, como ela mesma descreve. Não voltou a ter filhos depois de Marcela. Em 1997 teve sua primeira neta, Maria Carolina.

Em 2003 algo surpreendente acontece, Izabel retoma contato com Marcos, seu antigo namorado da época de São Paulo. Izabel e Marcos se casam em maio e ela acaba se mudando para o Japão para viver com ele. Lá trabalhava em uma montadora de carros e aos finais de semana fazia serviços extras em fábricas de bolos ou em “fábricas de congelados de sorvete”. “Tudo o que aparecesse a gente fazia nos fins de semana lá no Japão.” Estava feliz com seu novo casamento e tudo parecia estar indo bem, até o fim daquele mesmo ano, quando Marcos sofreu um infarto e acabou falecendo. Izabel ainda viveu alguns anos no país, mas em 2007 voltou para Brasília e conheceu seu segundo neto,

Miguel, que havia nascido em 2005. Izabel comenta que gostaria que seu relacionamento com os netos fosse mais próximo. Moram longe de sua casa e às vezes o contato costuma ser pouco, quando não pode ir até lá se falam por mensagens ou telefonemas

Em 2007, de volta ao Brasil, Izabel volta ao trabalho doméstico. Voltou a trabalhar com as antigas patroas de antes da sua ida ao Japão. Em meados dos anos 2000 quebrou o braço no caminho para a casa onde trabalhava e resolveu arrumar um serviço fixo. Para ela, com o serviço de carteira assinada, teria mais segurança. “Eu quebrei o braço na faxina, não podia trabalhar e também não ganhava. Aí fiquei parada 5 meses. Resolvi arrumar um emprego fixo, pelo menos se você ficar doente, tem o INSS.”

...

“A gente não tem liberdade nas casas dos patrões.”  
Apresentei Que Horas Ela Volta? para Izabel em um domingo. Ela já havia assistido o longa. Quando

pergunto se houve alguma identificação com a personagem, ela diz que não muita, mas ao final da entrevista relembra uma característica do trabalho da Val que parece muito com o seu próprio cotidiano: “ela dorme no emprego e só vai embora fim de semana, e eu também”. Isabel achou Val muito submissa aos patrões, mas reconheceu que infelizmente esse é o cenário. A maior parte das críticas de Isabel foi para a filha de Val. Para ela a filha não poderia ter as atitudes mostradas no filme, pois estava lá como filha da empregada e assim devia permanecer. “Ela tava lá como filha da empregada, não era hóspede.” Quando pergunto se ela já trabalhou para patrões iguais aos do filme, sua resposta é que sempre foi o meio termo daqueles representados. “Pra mim sempre me trataram muito bem, mas como se diz, eu conheço meu lugar.”

Isabel trabalha há alguns anos em casas fixas, onde muda a casa, a família, mas sempre tem a mesma rotina: dormir no emprego durante a semana. Na



casa de Dona Cláudia trabalhou por seis anos. Isabel adorava o garoto filho de sua patroa, mas comenta que não era igual ao relacionamento de Val e Fabinho<sup>7</sup>: “Ele até me abraçava, mas a mãe dele era uma mãe ótima, então ele não era carente”. Acabou saindo da casa de Dona Cláudia quando ela se mudou para os EUA. De lá foi para outra casa, onde ficou três anos, mas acabou saindo por conta de corte de gastos. “O país tá nessa condição e ela quis pagar menos, gastar menos e arrumou diarista.”

Longe de sua família que vive na Ceilândia, Isabel hoje mora sozinha no Valparaíso. Com 65 anos, trabalha há quase um ano em uma casa no Lago Norte onde passa a semana inteira e só volta para casa aos finais de semana. Nessa casa ela não tem reclamações, o trabalho é tranquilo, consegue descansar ao longo do dia e de vez em quando não precisa fazer o almoço, pois seu chefe sai para comer fora. Mas nem sempre deu sorte com o trabalho doméstico. Já teve casa em que fez diária que precisou acordar 6h e só conseguiu

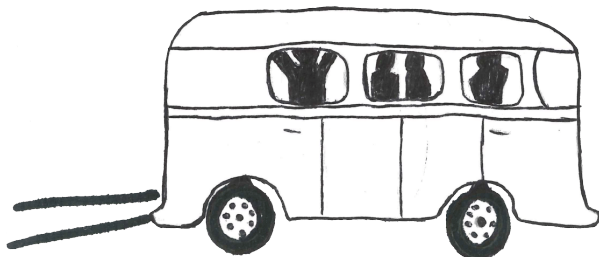
---

<sup>7</sup>Val é a personagem principal no longa Que Horas Ela Volta? interpretando o papel de empregada doméstica. Fabinho é o filho dos patrões de Val

deitar às 23h. Era trabalho durante o dia inteiro sem tempo para descanso. “Minhas pernas inchavam tanto que eu não aguentava nem encostar uma na outra na hora de dormir. E pagando bem pouco, menos que os outros.”

Seu sonho nunca foi ser doméstica. Lamenta não ter conseguido estudar, mas não vê mais tempo para mudar esse cenário. Agora está focada em sua aposentadoria e lutando na justiça para conseguir. Segundo Izabel, o INSS não quer aceitar alguns pagamentos que fez há muito tempo. Diz ter perdido os comprovantes e os que conseguiu achar não querem aceitar. Entrou com o pedido no INSS em 2016, dia 18 de janeiro de 2016, contratou advogado, mas até agora nada.

Izabel diz gostar de ler até hoje, mas por conta do trabalho não sobra tempo.





# *Pásfacia*



## *Laudelina*

O exercício da profissão da empregada doméstica é difícil de a gente poder decifrar. Porque a empregada doméstica no dia faz vários trabalhos. Ela faz o trabalho de lavadeira, de arrumadeira, de cozinheira, de passadeira...



Laudelina nasceu em 12 de outubro 1904. Filha de Marcos Aurélio e Maria Mauricia, viveu grande parte de sua infância e adolescência em Poços de Caldas - MG. Neta de escrava e filha de doceira que por vezes também servia uma família rica da cidade, Laudelina desde nova lutava por seus direitos. Era costume da época assinarem o nome da família para quem serviam e sua avó passou para sua mãe essa prática. Mas Laudelina se recusou e logo convenceu sua mãe de que não deveriam mais fazer isso. Assim, juntas, passaram a assinar o sobrenome de seu pai: Campos Melo. Laudelina de Campos Melo.

Perdeu o pai aos 12 anos de idade, após uma árvore cair nele durante o expediente de seu trabalho como cortador de madeira para exportação. Sua mãe, então viúva, começou a trabalhar em uma lavanderia de hotel.

Laudelina frequentou a escola até o terceiro ano no Grupo Escolar David Campista. Mas acabou precisando largar para ajudar no cuidado de seus



irmãos. Logo cedo já teve sua primeira experiência com o serviço doméstico.

Aos 18 anos, Laudelina conheceu seu futuro marido, que chegou a Poços de Caldas para trabalhar em uma construção nova na cidade. Casou, foi morar em Santos - SP e logo em seguida nasceu seu primeiro filho. Em 1938 veio a separação.

Em 1936 Laudelina já fazia parte da organização “A Frente Negra”, que promovia reuniões e festas em prol da conscientização racial do povo negro. Lá ajudou a criar um departamento para o trabalho doméstico que passaria a ser a associação de empregadas domésticas, que primeiramente formava essas trabalhadoras por meio de cursos, como o de culinária. A Frente Negra tinha participação política e lutava por seus direitos, mas quando veio a repressão com o governo de Getúlio Vargas, a associação foi fechada e acusada de criar separatismos.

Na segunda guerra mundial, Laudelina inscreveu-se para ser recrutada pelo exército. Acabou

entrando em um batalhão como a única mulher negra. Lá ela fazia tudo que um soldado faz: abria trincheira, praticava os exercício de guerra.

Em 1946 Getúlio abriu os sindicatos e a associação foi reaberta. Nessa época Laudelina fez seu título eleitoral e começou a votar. A associação voltou com seu trabalho de ajudar os necessitados, encaminhar as domésticas aos serviços, cursos de alfabetização, além dos departamentos beneficentes que forneciam roupas, alimentação e remédio.

Laudelina ficou em Santos até 1949, mas acabou indo para Campinas com a família da casa onde trabalhava. Era governanta. Em 1953, já em Campinas, comprava o jornal Correio Popular, onde encontrava anúncios: “Precisa-se de empregada, prefere portuguesa”, “Precisa-se de cozinheira, prefere-se branca”. Inconformada com o racismo explícito, Laudelina reclamou com o jornalista Bráulio Mendes Nogueira. A primeira vitória aconteceu: os anúncios foram interrompidos. Bráulio questionou Laudelina

para saber se ela desejava fazer algo mais pelas empregadas e ela explicou que desejava fundar uma associação, como a de Santos. Apresentada a Pedro Semionato, presidente do Sindicato da Construção Civil, começou a mobilizar a categoria.

Em 18 de maio de 1961 é fundada a primeira associação beneficente de empregadas domésticas de Campinas. Logo vieram outras associações em São Paulo e no Rio de Janeiro. Os patrões ficaram apavorados e acusavam a associação de ser comunista.

Laudelina trabalhou como empregada doméstica até 1954. Conseguiu então abrir uma pensão, além de vender salgados pela cidade. Em 1957, chegou e promover um baile de debutantes (Baile Pérola Negra) para jovens negras.

Em 1964 acontece o Golpe Militar, e a associação é fechada, juntamente com 13 sindicatos. Mandaram prender Laudelina e Pedro Semionato. Mas por ser conhecida pelo delegado como uma idealista que lutava por sua categoria, Laudelina foi solta e a

associação reaberta, mas sempre vigiada.

Em 1968 Laudelina é reeleita presidenta da associação, mas as coisas não estavam fáceis. A associação ainda era acusada de ser comunista por algumas patroas que influenciavam as empregadas domésticas que trabalhavam em suas casas.

Laudelina então é convidada ao Rio de Janeiro para representar a comunidade negra. Acabam utilizando dessa oportunidade para invadir o sindicato, onde saquearam e quebraram tudo que podiam. Queriam eleger uma nova diretoria ligada às patroas e Laudelina teve de sair. A nova diretoria não conseguiu manter sua liderança e a associação ficou fechada por 14 anos.

Laudelina começou a trabalhar na comunidade Castello Branco. Lá juntou-se a um grupo de mulheres da igreja católica que lutavam por melhorias no bairro e direitos como creche para os moradores.

Em 1982 é convidada a recriar a associação das empregadas domésticas. Começam as reuniões, são

criados novos estatutos e, em novembro de 1988, transforma-se no primeiro sindicato das empregadas domésticas.

Laudelina decide doar sua casa para o sindicato como uma subseção. Após sua morte, em 12 de maio de 1991, a casa ficou para o sindicato como era de seu desejo.

Laudelina foi uma mulher que lutou pelas empregadas domésticas. Defendia a classe e acreditava em lutar pela profissão por meio da conscientização e da união entre as categorias profissionais. Em 2013 o sonho de Laudelina se realizou, por meio da Emenda Constitucional nº 72/2013, regulamentada por meio da Lei Complementar nº 150/2015, na qual as profissionais do serviço doméstico, um dia tratadas com total informalidade, adquiriram direitos já garantidos a grande parte dos trabalhadores. Dentre os direitos estavam a jornada de trabalho fixada em oito horas diárias e 44 horas semanais, pagamento de horas extras e intervalo durante o expediente.

Entretanto, em dados divulgados pelo PED - DF (Pesquisa de Emprego e Desemprego) a situação das domésticas não tem sido muito positiva. Ainda podemos ver empregadas trabalhando além do horário fixado em sua carteira, como observamos na história de Divina que não parece ter um horário fixo ou Leiliane que às vezes precisa dormir no serviço e cumprir horas a mais.

“As empregadas domésticas mensalistas com carteira de trabalho assinada, forma de inserção ocupacional de maior representatividade no emprego doméstico feminino, tiveram decréscimo em sua participação relativa, passando de 51,7% em 2016, para 50,3% em 2017. O mesmo ocorreu entre as sem carteira assinada (de 15,2% em 2016 para 14,4% em 2017). Chama atenção a ampliação da participação de diaristas, alcançando 35,3% do total, em 2017, contra 33,1%, em 2016. Destaca-se que essas trabalhadoras possuem uma situação mais instável e precária, pois são remuneradas pelo dia de trabalho, em sua maioria

estão à margem dos direitos sociais associados ao trabalho e sujeitas a um ritmo de trabalho mais intenso, uma vez que fazem em um ou dois dias a limpeza de toda a casa, o que coloca um desafio de inclusão no campo dos direitos do trabalho e proteção social.” (BOLETIM PED - CODEPLAN, 2018)

Analisando as relações que permeiam o trabalho doméstico, é possível observar uma “ambiguidade afetiva” quando observamos a relação patroa e empregada doméstica, como bem descreve Jurema Brites em Afeto, Desigualdade e Rebeldia: bastidores do serviço doméstico.

“Apesar das relações de poder evidentemente desiguais que, sem dúvida, caracterizam este relacionamento [entre empregada e patroa], é a ambigüidade afetiva da relação que exige mais análise. É na troca afetiva entre aquelas que podem pagar pela ajuda doméstica e as [mulheres] pobres que oferecem seus serviços que as relações de classe são praticadas e reproduzidas.”(GOLDSTEIN, 2000, apud BRITES,

Jurema. 2000, P. 72/73)

Essa ambiguidade caracteriza o serviço das domésticas quando, por exemplo, elas precisam ficar mais tempo por conta de a patroa aparecer com mais serviços ou quando elas precisam tomar conta dos filhos, mesmo sem ter sido esse o trabalho acertado em suas contratações. O emprego doméstico envolve os mais diversos serviços, como bem caracteriza Laudelina Campos no documentário produzido pelo Museu da Cidade e o Museu da Imagem e Som (Secretária Municipal de Cultura de Campinas - SP), “Laudelina: suas lutas e conquistas”. “Ela faz o trabalho de lavadeira, de arrumadeira, de cozinheira, de passadeira, tudo”

Em *Que Horas Ela Volta?*, Val precisa deixar sua única filha em outro estado para poder garantir o seu sustento. Nessa situação Val desenvolve um grande apego por Fabinho, filho de sua patroa. Jurema Brites em *Afeto, Desigualdade e Rebeldia: Bastidores do serviço doméstico*, traz o conceito de reprodução



estratificada e como mulheres de alta classe necessitam de ajuda de serviçais que geralmente são naturais de regiões mais pobres, que precisam deixar seus filhos sob os cuidados de outras pessoas e como existe, utilizando-se da expressão de Jurema Brites “uma certa desqualificação dos valores” (BRITES, Jurema. 2000, P.74) das mulheres das regiões pobres] [...] “contrastada com a exaltação dos valores daquelas que contratam seus trabalhos”. (BRITES, Jurema. 2000, P.74) Pode-se observar no longa o desapontamento de Val em não ter conseguido cuidar de sua filha e como essa situação foi decisiva para o relacionamento entre as duas. Muyleart, por sua vez, choca ao mostrar com certa ironia as falhas da patroa em questões maternas. Percebe-se ao longo da história retratada como o carinho de Fabinho é diferente com sua mãe e com Val.

O trabalho doméstico marca uma relação entre classes e a casa da patroa é o local de interação. A doutora Florentina Neves Souza e o mestrando Lucas

do Carmo Dalbeto em “Patroas vs empregadas: o conflito das classes retratado nas telenovelas”, trazem em questão Preuss e a ambivalência dessa relação:

“Os vínculos que se estabelecem entre empregadas e patroas são intrinsecamente ambivalentes. Ao mesmo tempo em que precisa dos serviços da empregada, a patroa não deseja ser substituída, apenas obedecida. O controle precisa manter-se em suas mãos e, para tal, são várias as estratégias, passando das mais explícitas às mais veladas, da nítida demarcação de espaços à aparente cumplicidade.” (PREUSS, 1997, apud SOUZA, Florentina Neves; DALBERTO, Lucas do Carmo. 2013, P.116).

Pode-se observar no longa *Que Horas Ela Volta* como o controle da patroa precisa ser sempre mantido. O momento em que a filha da empregada fica no quarto de hóspedes incomoda a patroa, que logo procura um motivo para que a filha de Val volte a ficar no quarto de empregadas. Ou até mesmo quando a patroa está

nitidamente incomodada em ter de colocar a mesa para a filha de Val tomar café da manhã. Há uma relação de poder em que a empregada precisa estar no lado inferior e nunca acima ou no mesmo nível que seus patrões.

Que horas ela Volta ainda apresenta de forma afetuosa o relacionamento entre empregada doméstica e os filhos da patroa. Fabinho, ao longo de anos sendo cuidado por Val, tem um carinho enorme por ela e o filme faz questão de mostrar esse lado do carinho entre os dois. Das trabalhadoras entrevistadas para esse livro, a maioria fala sobre um carinho que existe com os filhos das patrões onde trabalham. Jurema Brites em *Afeto, Desigualdade e Rebeldia: Bastidores do serviço doméstico* relata sobre essa questão quando coloca em destaque como “adultos são impermeáveis ao universo cultural das empregadas domésticas, [e] o mesmo não acontece com as crianças. Elas dialogam com as empregadas, ouvem suas histórias [...]”. (BRITES, Jurema. 2000, P. 93) É muito mais fácil

a construção de uma intimidade entre empregada e filho (a) da patroa, mas ainda assim Brittes expõe sobre a hierarquia que permeia a situação. Há uma separação de mundos e uma distância socialmente transmitida pelos pais.

As lutas e os sonhos do reconhecimento profissional demoraram a chegar e talvez demorem mais tempo para se instalar definitivamente. Max Milliano Melo em seu artigo “Dia de Empreguete, Véspera de Madame: Permanências e Rupturas na Construção da Personagem Doméstica em “Cheias de Charme” fala sobre como a cultura brasileira criou essa “máxima de que a doméstica é ‘praticamente da família” (MELO, Max Milliano. 2016. P.4) e que essa questão gerou possivelmente uma “dificuldade de enxergá-las como sujeitos autônomos e carentes de direito.” (MELO, Max Milliano. 2016. P.4)

Que horas ela sai? conta histórias diversas, mas com uma profissão em comum: o serviço doméstico. E só essa característica é suficiente para estabelecer uma

semelhança enorme entre seus relatos. Mulheres que criaram filhos para as patroas, mulheres que fazem todo o serviço sozinhas e que fazem até além de sua função, mulheres que enxergam sua posição como inferior, mesmo que inconscientemente, quando pensam em “se colocar no seu lugar”. Esta categoria, apesar de agora ter seus direitos legalmente garantidos, ainda enfrenta constrangimentos, reclamações constantes e serviços pesados sem qualquer ajuda.





# Referências

BBC – O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo – 2018 – Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953> – Acesso em: 30 de outubro de 2019

BRITES, Jurema. Afeto, Desigualdade e Rebelião: bastidores do serviço doméstico. 2000. 239f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000

CODEPLAN – PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego – Distrito Federal – 2018

DALBERTO, Lucas do Carmo, SOUZA, Florentina das Neves. PATROAS VS EMPREGADAS. O Conflito das Classes Retrataadas nas Telenovelas. LOGOS - Realidade Ficção. Edição 38. Vol.20, Nº 01, 1º semestre 2013 – Londrina-PR. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/330184032\\_Patroas\\_vs\\_empregadas\\_o\\_conflito\\_das\\_classes\\_retratado\\_nas\\_telenovelas\\_Mistresses\\_vs\\_maidsThe\\_conflict\\_of\\_the\\_classes\\_portrayed\\_in\\_soap\\_operas](https://www.researchgate.net/publication/330184032_Patroas_vs_empregadas_o_conflito_das_classes_retratado_nas_telenovelas_Mistresses_vs_maidsThe_conflict_of_the_classes_portrayed_in_soap_operas). Acessado em 30/10/2019

LAUDELINA, Suas Lutas e Conquistas. Produção: Museu da Cidade; Museu da Imagem e Som – Secretária Municipal de Cultura de Campinas. São Paulo: 2015. 37min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JYL2Ki8ItGg>. Acesso em: 2 de novembro de 2019

MELO, Max Milliano. Dia de Empreguete, Véspera de Madame: Permanências e Rupturas na Construção da Personagem Doméstica em “Cheias de Charme”. 2016. 15f. Artigo – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP. 2016

O Globo – PEC das Domésticas completa cinco anos, mas informalidade ainda é alta – 2018 – <https://oglobo.globo.com/economia/pecdas-domesticas-completa-cinco-anos-mas-informalidade-ainda-alta-22553430> – em 01/11/2019

QUE HORAS ELA VOLTA. Direção: Anna Muyleart. 2015. 114 min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6711398/>. Acesso em: 3 de novembro de 2019

RIBEIRO, Djamila. O Que É Lugar De Fala?. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2017

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Estereótipo, realismo e a luta por representação. Crítica da imagem eurocêntrica. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 261-277



Este livro contém histórias de cinco mulheres brasileiras que viveram suas vidas no serviço doméstico. O livro revela questões sobre a relação entre empregada doméstica e patroa e como essa relação afeta o serviço e a vida dessas mulheres.

Além disso, é apresentado por meio das entrevistas, como é a recepção do filme *Que Horas Ela Volta*, dirigido por Anna Muylaert. Relacionando a história contada no longa, *Que Horas Ela Sai* mostra como a vida no serviço doméstico apesar de ter mudado ao longo dos anos, permanece com sua lutas diárias e como as mulheres que vivem desse sustento tem muita história para contar.

